

## **UM DESFIO D'APRENDIZAGEM EM MOCUBA E INHASSUNGE:**

Os Papeis Da Historiografia Local E As Suas Contextualizações Em  
Moçambique, Na África.

**Tubias Capaina**

### **Resumo:**

O presente artigo aborda sobre a necessidade para a implementação de História Local nos Processos de Ensino e Aprendizagens de História em Moçambique, na África. Pretende-se com o artigo dar a conhecer alguns factores que contribuem para o desconhecimento da História Local. Em algumas Províncias Moçambicanas são ricas em valores histórico-culturais, facto que devia ser utilizado para a leccionação nas Escolas Secundárias de forma a conhecer os seus povos guerreiros, sua cultura, seus heróis e tantos outros aspectos importantes. Entretanto, existem números alarmantes de escolas e professores de História se deparam com uma realidade pouco plausível de grande parte dos alunos que não conhece a história de sua comunidade, pretendendo-se apenas a História nacional desvinculada da sua realidade local e de seu contexto histórico local. Esse problema causa o desinteresse dos alunos pela História pelo facto destes não se sentirem inseridos no processo histórico a qual essa História se constrói.

O artigo por um lado oferece aos professores a possibilidade de refletirem para a correlação da matéria que lecciona com a realidade da comunidade em que estão inseridos, assim como da sua província com vista a proporcionar aos alunos uma compreensão mais simples dos conteúdos a abordar e revesti-los de um espírito crítico e transformá-los em alunos activos. Por outro, aos alunos ao fazerem esta interligação da História patente nos manuais de ensino com o das suas comunidades vão desenvolvendo uma mentalidade cada vez mais aberta para as questões relacionadas com as vivências sociais, evidências políticas e económicas de diferentes sociedades incluindo as suas.

**Palavras-chave:** Cultura, História Local, Aprendizagens e Consolidações.

## **Introdução**

O estudo histórico desempenha um papel importante na medida em que contempla pesquisa e reflexão da relação construída socialmente e da relação estabelecida entre indivíduo, grupo e o mundo social. Nesse sentido, o ensino de História poderá abrir espaços de escolha pedagógica capaz de possibilitar ao aluno reflexões sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com a problemática histórica inerente ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial. Entretanto, o ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador, educando, sociedade e o meio em que vivem e actuam. Nessa perspectiva, o ensino-aprendizagem da História Local configura-se como um espaço-tempo de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, referência para o processo de construção das identidades destes sujeitos e de seus grupos de pertença.

Em Mocuba por ser corredor e porta de entrada para os vigentes e Inhassunge particularmente por estar pouco isolada, tratando-se de uma pequena ilha, essa realidade é ainda mais complicada, uma vez que a boa parte da população nestes locais é oriunda de outras regiões do país, onde a migração é constante entre Distritos e cidades vizinhas. Isso se reflecte em sala de aula onde a maioria dos alunos desconhecem, ignoram e desrespeitam suas origens e as origens das regiões que hoje habitam, o resultado dessa realidade é um ensino de História desprovido da participação e do engajamento dos alunos que se sentem desmotivados e segregados do contexto e processo de construção do seu conhecimento histórico regional com a abordagem da História Local os alunos passam gradativamente a observar e perceber o significado de outras matérias construídas no passado; a compreender que as realidades históricas de determinada localidade e de seus habitantes no tempo não se dão isoladas do mundo, mas como parte do processo histórico em que populações locais constroem suas identidades culturais e sociais; que estas identidades são diversas, mas todas merecem respeito.

Entretanto, apesar da riqueza histórico-cultural é possível verificar que nas Escolas, alunos que não têm conhecimentos sobre o seu passado, sobre a sua identidade Histórica, sobre a História dos seus bairros, bem como a história do distrito na qual estão inseridos, professores que não conhecem a História do bairro onde a Escola está inserida e dos bairros

circunvizinhos, o que faz com que estes não interliguem a história temática a leccionar com os das suas comunidades ou bairros. Existência de alunos que não sabem responder questões ligadas a História Local, sobre os locais de interesse Histórico nacionais, em particular nestes dois distritos, assim como a hierarquia sócio-política dos seus bairros, bem como a origem do nome dos Distrito, isto acaba contrastando com o que esta patente no actual Programa Intermédio do Ensino Básico, que preconiza o estudo da História Local durante as aulas de História.

É preciso introduzir políticas educativas locais com vista a impulsionar o estudo da História Local, para se produzir documentos Históricos locais e sua posterior leccionação. Para isso, deve haver encontros entre os anciãos ou secretários dos bairros com os alunos e jovens, para transmitir o legado histórico do bairro ou comunidade onde vivem. O entendimento e o conhecimento da história local tem o poder de proporcionar ao educando reconhecer-se como agente participativo e transformador da sua História Local e nacional e conseqüentemente gera o interesse e a valorização da mesma facilitando a aprendizagem.

Diante desse contexto, os alunos e a escola devem fazer da história local uma ferramenta de facilitação no processo de ensino aprendizagem da História nacional, sendo que o entendimento das origens e raízes dos alunos como membros de uma comunidade ou um grupo social faz com que eles se interessem mais pelo aprendizado da História, fazendo com que eles se sintam realmente agentes participativos do processo histórico.

### **Aprendizagem**

Autores como DORTIER (2006) e GIUSTA (2013) entendem aprendizagem como a modificação de certos comportamentos e estruturas mentais, condicionada pela memorização dos princípios transmitidos. Um dos problemas desse conceito é associar aprendizagem e mudança de comportamento e a fazer isso perde de vista que as pessoas que aprendem não mudam necessariamente de comportamento.

Uma definição diferente de DORTIER (2006) e GIUSTA (2013) é apresentada por DÍAZ (2011) para quem a aprendizagem é a capacidade de apropriação de conhecimentos, valores e comportamentos para enfrentar determinada situação. Esta definição faz perceber que a experiência das pessoas nas suas acções quotidianas permite assimilar novos modos de convivência no meio social.

## **História Local**

Para CAINELLI (2008:65), A História Local é entendida como uma modalidade de estudos históricos que contribuiu para a construção dos processos interpretativos sobre as formas como os actores sociais se constituem historicamente em seus modos de viver, situados em espaços que são socialmente construídos e repensados pelo poder político e económico na forma estrutural de “bairros e cidades”.

A História Local é a história que trata de assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades, ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional. Ela tem sido compreendida como “história do lugar”. Nesse aspecto, a localidade tem-se tornado objecto de investigação e ponto de partida para a produção de conhecimentos sobre o passado.

No entanto, é a partir do local que o aluno começa a construir sua identidade e a se tornar membro ativo da sociedade civil, no sentido de que faz prevalecer seu direito de acesso aos bens culturais, sendo eles materiais ou não materiais.

## **Linhas De Estudo Da História Local**

Na visão de JUNGBLUT (2008:42), a História Local aborda muito mais do que os acontecimentos históricos de uma determinada região, da emancipação do lugar e da vida dos políticos famosos. Esta vem para aproximar as pessoas do agente histórico, deixando para trás a História objectiva e tradicional e trazendo uma História onde aborda a vida de pessoas conhecidas e desconhecidas, patrões e operários, homens e mulheres, ricos e pobres, negros e loucos todos esses, vistos que podem mostrar detalhes para entender nosso bairro, nossa cidade e nosso país.

O historiador ao fazer o seu ofício deixa de lado uma História objectiva e narrativa para ir à busca de uma História subjectiva e crítica, porque a partir deste ponto todos terão a oportunidade de expor os seus saberes no construtivismo desta História. Entretanto, a História Local geralmente se liga à História do quotidiano ao fazer as pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente quanto no passado.

O local é o espaço primeiro da actuação do homem, por isso, o ensino de história local precisa configurar também essa proposição de oportunizar a reflexão permanente acerca das ações do que ali vivem como sujeitos históricos e cidadãos. Assim sendo, ensino de História Local pode configurar-se como um espaço que o local e o presente são referentes para o processo de construção de identidade.

Portanto, um cuidado que se deve ter com o estudo da história local é a identificação do conceito de espaço. É comum falar em História Local como a história do entorno, do mais próximo, do bairro ou da cidade. Cada lugar tem suas especificidades e precisa ser entendido por meio da série de elementos que o compõem e de suas funções.

### **Ligações Escola - Comunidade na Produção da História Local**

Para NGOENHA (2000:213-214), uma maior imbricação entre as escolas e as comunidades seria muito proveitoso para as crianças e para o sistema de educação. Em todos os países, as crianças têm actividades complementares ligadas ao desporto, às actividades culturais, à música, à dança, etc., as nossas diferenças culturais têm conhecimentos culturais de primeira importância. É conhecida a vocação africana de contos tradicionais. Se as autoridades escolares fizessem uma selecção de contadores de histórias, meteriam velhos, que hoje não fazem muito, a dar uma contribuição notável ao sistema escolar e à integração dos jovens.

*Os diferentes grupos culturais moçambicanos poderiam transmitir, no âmbito escolar, o seu conhecimento das artes (...); os velhos ensinariam a ecologia dos lugares, da terra, das plantas, dos animais; ensinaria certa ética do grupo, um amor à pertença que não é necessariamente contraposição a outros grupos (...); os jovens poderiam aprender a respeitar os mais velhos, a integrar-se na cultura de pertença, a conhecer os problemas com que os grupos estão confrontados (...); a escola pode servir para reunir os pais, levá-los a trabalharem juntos para o futuro dos filhos, a associarem-se de uma maneira independente para as actividades de interesse comum (NGOENHA, 2000:214).*

### **Técnicas Utilizadas na Produção da História Local**

Para BITTENCOURT (2004:45), o estudo da História Local é baseado em dados e recursos conseguidos com pesquisas, entrevistas e colectas de informações da população. Esta História deve ser escrita a partir das novas fontes: a identificação das edificações mais antigas, do traçado das ruas, da memória dos mais antigos, das paisagens naturais, fotografias, relatos,

arquivos familiares, etc. Envolvendo-se os alunos e a comunidade no estudo da História Local proporciona uma valorização do próprio sujeito que redescobre sua História e sua cultura quando se sente produto de sua própria. Pode-se também, descobrir não apenas as continuidades como também as rupturas. Nessa relação de escola-comunidade na qual pertence, o estudo da História Local, tende a aproximar ambas pelo próprio facto de ser parcialmente construída a partir de dados colectados no lugar e comunidade atendida pela escola.

Contrariando as perspectivas de análise de BITTENCOURT, deve-se tomar em consideração a realidade do país, em que o hábito pela escrita, as fotografias, as revistas não se fazem muito presentes, facto que tornará um pouco difícil fazer a crítica dos dados colhidos, o que pode suscitar a existência de algumas lacunas ao fazer o estudo sobre as realidades actuais do país e em particular das comunidades e/ou bairros. Mas deve-se ter o cuidado para não cair na perspectiva de História tradicional por causa da partidarização dos envolvidos no relato dos acontecimentos, o que atribui ao pesquisador uma tarefa mais árdua comparativamente ao seu primeiro ponto de partida (é só narrar como os factos aconteceram).

As direções das escolas secundárias em coordenação com os anciãos e secretários dos bairros deveriam se reunir para aproveitar o saber destes dois últimos para permitir fazer a construção da História dos bairros (seleccionar os saberes importantes para se ministrar numa aula de História, tais como, a vida sócio-cultural, a vida política e económica dos povos que habitam dentro dos bairros).

*Ao estudar a História da localidade ou da região implica recuperar memórias disseminadas para um conjunto de vestígios onde o espaço e as sociedades se escrevem. Esse estudo recupera a existência de sujeitos, fortalece a consciência da História, o sentimento de identidade e de pertença, elementos fundamentais para a formação da cidadania tão almejada numa sociedade democrática (JUNGBLUT, 2008:44).*

Portanto, para ensinar História a partir da experiência de vida do aluno, é necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, das memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais. É preciso dar voz á histórias desses sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados.

## **Estudo da História Local**

Para MANIQUE & PROENÇA (1994:5-6), a investigação da História Local é gratificante para o professor e alunos. Exige o domínio de métodos e técnicas que orientam a exploração de fontes disponíveis, que permitem a abordagem de temas diversificados e que conduzam ao conhecimento de diversos problemas locais.

Na óptica de NIKITIUK (2004:161-162), a História Local permite desmistificar o ensino de História desconstruindo o ensino tradicional de simples memorização sistemática de datas e factos ocorridos, para a construção de um estudo participativo, investigativo e crítico da realidade histórica das comunidades e seus membros. Ao inserir a História Local através do estudo do quotidiano, o professor consegue aproximar a realidade com a História, trazendo significado para o aluno, contribuindo na sua formação para a vida, valorizando, respeitando e resgatando as diversas culturas existentes na comunidade.

*A História Local trazendo à tona acontecimentos, actores e lugares comuns aos estudantes fazem com que este se aproxime da disciplina, percebendo a relação dialéctica entre o passado desconhecido e o presente, tão próximo. Entender a História do bairro e da cidade através dos personagens vivos e activos da comunidade faz com que a análise historiográfica esteja aberta às experiências humanas e as transformações sociais sejam apreendidas com mais profundidade. Da mesma forma, a vivência dos alunos no quotidiano da sala de aula, actualiza o debate histórico (MENDES, 2004:98).*

Deve-se ter em conta que, maior parte dos professores que leccionam o nível Básico no país não têm o espírito investigativo e poucas vezes conseguem interligar os assuntos a leccionar com as realidades actuais, o que cria um défice epistemológico na mente dos alunos. Por seu turno, maior parte dos alunos chegam até a 8ª classe sem dominar a escrita e a leitura, facto que tornará difícil envolver estes na construção e reconstrução da História Local. Esta perspectiva de certa forma é limitante, mas os mesmos alunos podem ser envolvidos em práticas mantidas em conversas com os seus avôs e, por sua vez estes devem apresentar as informações aos professores sob forma de conversa, isto é via oral, para permitir que estes também participem activamente neste processo.

Na visão de MANIQUE & PROENÇA (1994:6), a recuperação das memórias locais e a articulação entre estas e a memória nacional permite a compreensão dos problemas que, sem o estudo do meio, não passam de abstrações difíceis de situar, por parte dos alunos, no processo histórico das comunidades em que se inserem.

*Os estudos da história local conduzem aos estudos de diferentes modos de viver no presente em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais. Classificando-os como mais evoluídos ou atrasado, (GONÇALVES, 2007: 196). A História Local foi valorizada também como estudo do meio, ou seja, “como recurso pedagógico privilegiado [...] que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo de que fazem parte”, Estes parâmetros contribuem para o desenvolvimento de metodologias e estratégias para uma maior compreensão da História Local.*

A História Local permite ao educando perceber-se como sendo parte integrante da história, não simples espectador do ensino desta, mas objeto e sujeito, construtor de fatos e acontecimentos que não lineares, mas permeados de discontinuidades próprias do processo histórico. O trabalho com a História Local no ensino da História facilita, também, a construção de problematização, a apresentação de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica.

### **Consolidação**

A consolidação é definida por RODRIGUES (1998) como um processo de apropriação de regras por via de aprendizagem a partir de um grupo de pessoas e organizações que partilham os mesmos hábitos. Cada suporte pode ainda ter diversas estruturas. Por exemplo, utilizando o suporte da escrita, pode-se pedir ao aluno para resumir, completar, reconstituir, enunciar os materiais que integram sua aprendizagem, assim, o contexto em que o instrumento é aplicado influencia também o desempenho do aluno.



## **Cultura**

Define-se cultura como um complexo unitário que inclui o conhecimento, a arte, a moral, a lei e a todas as capacidades e hábitos adquirido pelo homem enquanto membro da sociedade DAMATTA (1987:52), parte deste ponto para referir que a cultura funciona sempre como formas puras, que permite se ajustar ou não a sua reprodução concreta por meio da sociedade, a ideia das realizações e realidades concretas. Já na visão de BERNARDI (1995:12), estes fenómenos devem distinguir-se claramente dos fatores da cultura por que estes estabelecem-se entre si como causa e efeito além da tradição e da inovação. Com isso classifica os fenómenos culturais em algumas categorias nomeadamente:

## **Aculturação**

É o fenómeno da transformação cultural que resulta do encontro de duas ou mais culturas, por isso num dado momento o conceito referia-se somente ao aspeto passivo de assimilação de elementos culturais de uma cultura dominante. Mas na observação de BERNARDI (1995:12), hoje o conceito aplica-se ao fenómeno que pode ser considerado normal do encontro e do intercâmbio que se estabelece entre as culturas. Por Ex. Há pessoas que saem dum distrito para o outro em missão de trabalho ou escola. Com isso concordamos com DAMATTA (1987:34-54), ao sustentar que não deve se olhar para a cultura e a sociedade como planos distintos por que a relação das duas aparece no âmbito dialético onde a invenção da cultura parte do conhecimento do homem em si e a sociedade bem como a satisfação das suas necessidades mediante as suas capacidades cognitivas para materializar a ideia que é abstrata.

Embora as alterações que advêm do processo de aculturação podem afetar uma cultura em todos os seus sistemas: desde a língua que assimila e conjuga novos vocabulários e variações numa mesma sintaxe. Por exemplo: a estrutura da família e do parentesco existe um modo comum de produção e consumo onde o pai e a mãe têm o papel social de velar pelos filhos bem como os avós pelos netinhos, BERNARDI (1995:14). Por isso, o processo de alteração sugere maior perceção nas causas comum e frequente no processo de aculturações são as trocas comerciais o turismo, com isso diz-se que o fluxo cultural não tem um só sentido porque dá-se e recebe-se é uma dádiva se quisermos sintetizar as palavras no processo de dar e receber.

## **Enculturação**

Percebe-se como sendo um processo educativo pelo qual os membros duma cultura se tornam conscientes e participantes da própria cultura, por isso este processo cultural acontece de maneira formal e informal embora esta distinção não pode ser considerada absoluta. Na enculturação informal prossegue-se continuamente ao longo da vida das pessoas, e já na formal o processo acontece quando a formação das pessoas não é deixada a simples iniciativa de imitação da pessoa e aos cuidados ocasionais ainda que atentos a incessantes da família ou do grupo espontâneo mas é confiada de maneira específica a um ou mais responsáveis e nela permanece o aspeto normativo e obrigatório, nesse ponto enquadra-se a ideia de que as moças devem estar sempre ao cuidado das tias mais próximas por que são fáceis de se desviar dos princípios de casa por que pelo caminho podem encontrar varias pessoas com tendências diferentes, (Idem).

## **Inculturação**

Entende-se como o processo de aprendizagem através dos quais uma pessoa ou mesmo um grupo assimila as concessões e as regras de vida própria do grupo ou das comunidades a que pertence, e por consequência se torna paciente ativo e passivo. Embora o fenómeno não termina com o atingir da idade adulta ou da plena autonomia individual, mas perante a todas as idades e no decurso da vida individual.

Este fenómeno diferencia-se da socialização no sentido de que na inculturação dá-se maior ênfase a ação do indivíduo. Exemplo do emigrante que deixa sua zona de origem na tentativa comercial, lazer, desporto, etc., mas do que para tal, ele deve inserir-se na nova sociedade para dela se tornar parte ativa sob o processo de aprendizagem da nova língua a associação ao grupos a que lhe colhem no local onde esta e a adequação aos novos modelos de vida que as distinguem da antiga comunidade. (idem)

## **Desculturação**

Trata-se dum processo em que a pessoa em algum momento deixa de se identificar com os seus traços culturais de origem e passa a assumir aquela em que esta inserida na nova comunidade visto que é através das trocas culturais que surgem novos desenvolvimentos alterando as conceções e os modos de vida das pessoas e por esta razão advém a perda de

alguns elementos da sua tradição tratando-se de trocas culturais visto que, um elemento é aceite e introduzido como novo porque responde a exigências precisas do mesmo modo será abandonado quando deixa de satisfazer as exigências, por isso muitas vezes o reconhecimento da utilidade de um sistema pode limitar-se a simples adesão a tradição paterna ou materna, a ideia de que os nossos pais fizeram assim e nós também fomos ensinados desta forma. Evitando a desorganização social de considerável importância, BERNARDI (1995:119), assim, RIVIÈRE (1995:175), defende a ideia de que mesmo se tratando de espaços urbanos ou rurais em cada sociedade pode ser observada na sua maneira de ser em termos de manifestações culturais sobre a forma de organização e este é o papel do antropólogo com isso diz-se que as concepções religiosas, embora se relacionem com o aspeto da realidade humana ligado ao mistério e ao abstrato, incidem profundamente sobre o comportamento e dão lugar a nova estrutura.

### **História Local no Processo de Ensino-Aprendizagem**

Para HOFLING (2008:123), a participação dos alunos na reconstrução do seu passado e da sua memória, permite-os um novo olhar sobre as coisas do passado, valorizar as pessoas mais velhas e objectos antigos, entendendo o que acontece na actualidade através do que aconteceu no passado, que está mais próximo dele. É pertinente concordar com HOFLING, mas maior parte dos moçambicanos concebem os mais velhos como sujeitos supersticiosos e transmissores do mal-estar a comunidade. Ao se fazer o estudo da História Local e pelo envolvimento destes (anciãos) na acção de transmitir informações do passado, pode-se sim alterar a actual imagem daquele grupo social e atribuir-lhes novos predicados com vista a ultrapassar os actos de difamação e calúnia, porque os alunos terão uma nova concepção acerca deles-os anciãos, e isto pode influenciar no bom relacionamento de sociabilidade entre eles.

*Para o uso da História Local do ensino de História, é necessário observar duas questões: Em primeiro lugar, é importante observar que uma realidade local não contém em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, económicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países e, até mesmo, por processos históricos mais amplos; Em segundo lugar, ao propor o ensino de História Local como indicador da construção de identidade, não se pode esquecer que, no actual processo de mundialização é importante que a construção de identidade tenha marcos de referência relacional, que devem ser conhecidos e situados (SCHMIDT e CAINELLI, 2004:112).*

Para SCHMIDT (2007:172), o estudo da História Local pode ser usado como elemento característico da transferência didáctica do saber histórico científico em saber histórico escolar. Esta História pode ser vista como estratégia de ensino quando possibilita desenvolver actividades vinculadas directamente com a vida quotidiana, entendida como expressão concreta de problemas mais amplos e também como estratégia de aprendizagem, uma vez que o trabalho com História Local pode garantir controlos epistemológicos de conhecimento histórico, a partir de recortes seleccionados e integrados ao conjunto do conhecimento.

Na óptica SCHMIDT (2007:190-191), ao trabalhar com História Local possibilita gerar actividades investigativas criadas a partir de realidades quotidianas e, por último permite trabalhar com diferentes níveis de análise económica, política, social e cultural no âmbito mais reduzido, evidenciando as diferentes dimensões e ritmos temporais, (...) o trabalho com espaços menores pode facilitar o estabelecimento de continuidades e diferenças, evidências de mudanças, dos conflitos e permanências.

Para MANIQUE & PROENÇA (1994:25), a História Local apresenta uma dupla faceta pedagógica e científica:

- ✓ Do ponto de vista pedagógico: se pretende uma pedagogia da memória que faça frente aos problemas de desenraizamento, falta de identidade e pluralidade cultural e rática que caracterizam as escolas, a História Local pode ter um papel decisivo na construção de memórias que se poderão inscrever no tempo longo, médio e curto, favorecendo uma melhor relação dos alunos com a multiplicidade da duração. Por outro lado, é mais fácil a identificação, que ajuda a construir uma identidade, num espaço ou grupos mais limitados, do que em situações espaciais ou sociais mais latas que adquire um carácter cada vez mais abstracto.
- ✓ Sob ponto de vista científico: a História Local e regional evita o erro grosseiro se considerar o nacional como um todo homogéneo, o que, em termos de investigação científica, produz uma percepção desfocada e destorcida da dinâmica das sociedades.

No entanto, enquanto estratégia de aprendizagem, a História Local, pode garantir o domínio do conhecimento histórico. Seu trabalho no ensino possibilita a construção de uma História mais plural, que não silencie a multiplicidade das realidades.

Portanto, se norteando nos novos conceitos de ensino aprendizagem vigentes que destacam a aprendizagem significativa como uma das mais eficazes formas de engajar os alunos na construção do conhecimento dentro do espaço escolar, espaço esse que vem à tempos perdendo o encanto, decorrência da concorrência dos novos meios e veículos que produzem informação e despertam o interesse dos alunos.

Dentro desse cenário, de acordo com FERNANDES (1995), o ensino de História vem também tendo que se adaptar as novas linguagens no processo de ensino e aprendizagem além de também resgatar e valorizar a "História Local" como objecto de estudo e ferramenta de aprendizagem, uma vez que ao conhecer as origens e raízes de um povo, esse estudo coloca os membros desse povo como agentes activos e transformadores do processo histórico, dando significado ao que se aprende facilitando a aprendizagem, estimulando também o entendimento e o interesse sobre a história Nacional e Universal.

### **Conclusão**

O ensino da História Local nas Escolas Secundárias do Ensino Básico não permitirá somente um conhecimento abrangente da sua comunidade, mas também contribuirá para o enriquecimento e o transpasse do legado histórico dos mais velhos (anciãos) para as gerações vindouras, pois estes saberão explicar o processo evolutivo das comunidades onde estão inseridos.

Alguém sempre sabe de alguma coisa, não se trata de ser um homem moderno procurando viver a vida selvagem. Mas, um homem que pretende conhecer e respeitar as origens e conquistas do seu passado comum. As vezes os deus levam os desfavorecidos, um título é apenas uma oportunidade de fazer o bem para o povo local. Portanto, sem eliminar a subjetividade é, no entanto, desejável relativizá-la e o caminho a seguir é o confronto das diversas subjetividades dos intervenientes no processo de ensino e aprendizagens.

Em tempos de globalização onde os espaços e as distâncias estão cada vez menores e a cultura esta a cada dia se tornando plural, valorizar o "Local" está se tornando uma forma de resgate e sobrevivência da identidade de muitos povos que para não terem seus costumes e expressões culturais extintas se valem do entendimento da História Local para manter suas tradições, (NEVES, 1997: 173). Espera-se dos alunos e professores principalmente os que leccionam a disciplina de História, passem a conhecer e a ensinar a História Local.

## **Bibliografia**

Bernardi, Bernardo. 1985. *Antropologia*. Lisboa. Ed. Laterza.

Bittencourt, C.M.F. (2004), *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez Editora.

Bloch, Marc (1997), *Introdução à História*. Edição revista. Publicações Europa-América.

Cainelli, Marlene (2008), *Educação Histórica: Ensinando e Aprendendo História no Caminho da Insignificância*. In: MONTEIRO, Ana Maria. Et all (org.) *Ensino de Consciência Histórica*. São Paulo.

Carvalho, J. E. (2009), *Metodologia do trabalho Científico*. 2ª edição, Lisboa, Editora Escolar.

Cervo, A. L.; Bervian, P. A. (1983), *Metodologia Científica* 3.ed. São Paulo: Mc Graw- Hill.

Damatta, R. 1987. *Relativizando; Uma introdução à antropologia social*. RJ. Ed.RoccoLda.

Damatta, R. 1987. *A Morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro*, In: *A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro

Díaz, Félix. (2011). *O processo de aprendizagem e seus transtornos*. Brasil. Editora Eduffba.

Fachin, O. (2001), *Fundamentos de metodologia*. 3. ed. São Paulo: Saraiva.

Fernandes, J. R. *Um lugar na escola para a História Local*. Ensino em Re-vista. Uberlândia. 4 (1): 43-51. Jan./dez.1995.

Gasparello, A. M. (2001), *Artigo: Construindo um Novo Currículo de História*.

Gil, A. C. (2002) *Como elaborar projectos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Gomes, A. (1989) *Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo. Martins Fontes.

Gonçalves, Maria de Almeida (2007), *História Local: o Reconhecimento da Identidade pela História: Sujeitos, Saberes e Práticas*. Rio de Janeiro.

Giusta, Ângela. (2013). “Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas”. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. Vol. 29. N. 39. Pp: 0102-4698.

Hofling, M.A. *Páginas de História*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v23n60/17274.pdf>>. Acesso em 01 Maio. 2015.

Lima, Idelsuite de Sousa. *Ensino de História Local e Currículo: ideias, dizeres e práticas no fazer educativo escolar*. João Pessoa, 2000. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba.

Manique, A. P. & Proença, M. C. (1994), *Didáctica de História - Património e História Local*. Lisboa, Texto editora.

Mendes, A. F. M.. *Ensino e Vivências: as Apreensões da História Local no Quotidiano da Sala de Aula*. Disponível em: <http://www.revistatemalivre.com/anderson09.html> Acesso em 03 de Maio de 2015 pelas 9 horas e 43 minutos.

Neves, Joana. *História Local e construção da identidade social*. Saeculum - revista de História. nº 3. João Pessoa, jan./dez. 1997.

Ngoenha, S. E. (2000), *Estatuto e Axiologia da Educação em Moçambique*. Maputo. Livraria universitária.

Nikitiuk, S. M. L. (2000), *Um Processo Colectivo de Formação Continuada pelos Caminhos da História Local*. São Paulo. Livraria Universitária.

Rodrigues, José A. (1998). *Práticas de consolidação de contas*. Lisboa. Aereas Editora.

Chimidt, M. A. (2007). *O Ensino de História Local e os Desafios da Formação*.

Schmidt, M. a. & Cainelli, M. (2004). *Ensinar História*. São Paulo. Editora Scipione.

Vergara, S. C. (2001), *Projectos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 3ª ed. São Paulo. Editora Atlas.